

# MÚSICA E LITERATURA EM DIÁLOGOS, A PARTIR DE TORTO ARADO: EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS EM SALA DE AULA DE HISTÓRIA

Henrique Washington Cruz de Farias <sup>1</sup>  
Nathan Frederico Taveira Silveira <sup>2</sup>  
Arthur Santos da Silva <sup>3</sup>  
Patrícia Cristina Aragão <sup>4</sup>

## RESUMO

A Música e a Literatura enquanto linguagens formativas no ensino de História, contribuem para a formação educativa e a construção do saber histórico escolar. Este trabalho aborda a sinergia entre Música e Literatura e suas possibilidades educativas no ensino de História. O objetivo é mostrar que no contexto das aulas de História a aplicação da obra literária “Torto Arado” de Itamar Vieira Júnior e a música que se relaciona a obra, permitem educar sobre diferentes aspectos que norteiam as visões de Nordestes. Nossa proposta é mostrar a interação entre essas formas de arte em sala de aula, buscando enriquecer a compreensão dos alunos de forma dinâmica. Tomamos como referencial teórico as contribuições de Chartier (1991) e Pesavento (2006). A metodologia utilizada partiu da pesquisa bibliográfica e documental em que as fontes utilizadas foram a obra literária e a música que leva o mesmo nome, “Torto Arado”, do compositor Rubel. Articulando a estas proposições nos ancoramos em experiência de iniciação à docência no Programa de Residência Pedagógica subprojeto História da Universidade Estadual da Paraíba, em que as ações formativas ocorreram em uma escola pública da cidade de Campina Grande. A literatura e a música podem e devem atuar num papel de crítica à realidade social, transformando-se em uma forma de acessibilidade do real, servindo a uma causa político-ideológica, dentro da Literatura é possível conectar-se à realidade múltiplas, essa representação é oportuna para o ensino que localiza o aluno e dá visibilidade aos discursos omissos. E a partir dessas leituras concretizar a importância desse trabalho. Os resultados nos apontaram que não apenas a imaginação dos alunos é engajada, mas também fomenta análises mais críticas acerca dos conteúdos apresentados na obra literária. Isso enfatiza a relevância de abordagens educacionais que valorizam a interdisciplinaridade sobre os temas presentes na narrativa e na prática.

**Palavras-chave:** Literatura, Música, Torto Arado, Ensino de História, Interdisciplinaridade.

## INTRODUÇÃO

---

<sup>1</sup> Graduando em História pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, campus I, Residente pelo Programa de Residência Pedagógica da CAPES. [henriquewashington34@gmail.com](mailto:henriquewashington34@gmail.com);

<sup>2</sup> Graduando em História pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, Residente pelo Programa de Residência Pedagógica pela CAPES. [nathanfrederico2323@gmail.com](mailto:nathanfrederico2323@gmail.com);

<sup>3</sup> Graduando em História pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, Residente pelo Programa de Residência Pedagógica da CAPES. [arthursantos0019@gmail.com](mailto:arthursantos0019@gmail.com);

<sup>4</sup> Doutora em Educação, professora da Universidade Estadual da Paraíba, Coordenadora do Programa Residência Pedagógica – Subprojeto História, da Universidade Estadual da Paraíba, Campus I, Campina Grande – PB, [patriciacaa@yahoo.com](mailto:patriciacaa@yahoo.com).

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) por meio do Programa de Residência Pedagógica (PRP).

O intuito desse artigo é relatar a experiência dos licenciados em História da Universidade Estadual da Paraíba, campus I, no exercício docente pelo Programa de Residência Pedagógica, quando foi realizada atividades com alunos da terceira série do Ensino Médio da ECIT Professor Bráulio Maia Júnior, em Campina Grande, bebendo de uma metodologia transdisciplinar com a História, a Literatura e a Música.

Korte (2005) expressa que,

“Transdisciplinar é a metodologia pela qual, usando, da inter, da multi e da pluridisciplinaridade as informações e os resultados da combinação de informações e metodologias ultrapassa o campo próprio de cada disciplina, excede o quadro das abordagens metodológicas próprias de cada uma, e chega a conhecimentos que, por outros caminhos, jamais seriam reconhecidos como crenças verdadeiras e justificadas.”

A História é feita com documentos, por documentos e de documentos, narram verdadeiramente os acontecimentos e não permite dedução ou dúvidas. É tida pela mais conservadora das disciplinas, rígida, inflexível e dura, não nos dá acesso ao fictício imaginário como a literatura poética, mas é do olhar de Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2005) que partimos.

Durval Muniz parte da literatura de Clarice Lispector, clássica e aclamada escritora brasileira, para refletir sobre as tensões que envolvem os quentes e deliciosos debates em torno da relação entre criação ficcional e operação historiográfica. Para ele, os historiadores possuem uma lista de medos e recalques que os limitam de admitir a existência de uma dimensão literária, em seu operacionalizar, que se manifesta, principalmente, na forma do estilo que comanda o enredo construído pelo historiador quando em prática escreve sobre seu propósito.

É dessa máxima que o autor causa desconforto interrogando “por que os historiadores temem tanto a literatura?”. Para ele seria necessário abolir por completo os limites entre História e Literatura. Seguindo este viés, a Literatura, tal qual a História, seria uma possibilidade também de conhecimento e de leitura do mundo humano. Aqui, porém, é necessário persistir numa afirmação aparentemente óbvia: embora a História e a Literatura sejam formas de compreensão e conhecimento do mundo e da experiência humana do tempo, são formas diferentes de conhecimento, logo, justificamos o uso para o ensino.

É nesse ímpeto, que abordamos dentro da disciplina escolar de História, a Literatura de Itamar Vieira Junior, o livro Torto Arado, como porta de acesso ao Brasil profundo, não tão distante do presente, onde localiza-se o Nordeste, em um reflexo escravagista e de permanências do sofrimento. Em consonância com a Literatura utilizamos da música de Rubel, produzida com Luedji Luna e Liniker, para ilustrar as pautas dentro do debate com alunos do

Ensino Médio, composição também intitulada de “Torto Arado”, inspirada pela obra de Itamar Vieira. Corroborando com as ações praticadas, Santos (2014) adverte:

“A utilização de diferentes linguagens no ensino de história possibilita o reconhecimento da escola como espaço social, onde o saber escolar reelabora o conhecimento produzido pelo historiador e, nesse processo, agrega um conjunto de “representações sociais” do mundo e da história, praticados por professores e alunos, frutos da vivência de ambos e provenientes de diversas fontes de informação.”

Para fins introdutórios, usaremos de prisma teórico-metodológico as visões de Albuquerque Júnior (2005) já mencionado aqui, Pesavento (2006) e Chartier (1991) e a partir dessas leituras concretizar a importância desse trabalho para a educação e prática docente.

Em síntese, o trabalho aqui apresentado foi introduzido por meio de atividades feitas em uma palestra com alunos no auditório em uma forma prática, tendo resultados abordados principalmente com a participação dos alunos e de suas demais dúvidas que tornaram possível o debate de temas tão sensíveis e necessários para a construção de uma identidade local no imaginário estudantil de cada um desses adolescentes que se fizeram presentes.

Além dessa criação de identidade, podemos assim compreender a importância da utilização de novas metodologias de aula, utilizando a Literatura e a Música para conquistar a atenção do aluno e os levarem a compreensão do assunto abordado, assim como já teorizado, comprovado nas nossas próprias experiências.

## **EXPERIÊNCIA**

Ocorrida numa manhã de debate acalorada e cheia de participações, adentramos a discussão do livro e da temática dos vários Nordeste trazidos no decorrer narrativo da obra, os alunos elencaram pontos de suas vivências e reconheceram práticas culturais em comum com a obra. Dos apontamentos, elencamos: reflexos escravistas, a luta pela terra, a questão ancestral, o feminino, a discussão de gênero e da religião, explicando o enredo literário, as questões históricas presentes no enredo, e seguimos com o debate.

É do profundo Brasil, precisamente no sertão Baiano que todo o desenrolar da história do “Torto Arado” acontece, quando duas irmãs, Bibiana e Belonisia, cheias de curiosidade sobre a misteriosa mala de sua avó Donana, que está guardada embaixo da cama, deste ponto que nasce a trama das crianças, que antes brincavam no terreiro com bonecas feitas de sabugo de milho e de calçados feitos de folhas, colhidas na floresta. Na citada mala, encontram uma faca de cabo de marfim envolta de um velho trapo, acidentou-se e uma das irmãs tem sua língua

amputada pelo objeto, mas não é do acidente que trataremos, mas sim, do contexto social e político que vivem os moradores da Fazenda de Água Negra.

Empancado no seu próprio passado escravista, o Brasil de Torto Arado é uma denúncia realizada com extrema habilidade narrativa, Itamar Vieira nos permite acesso ao Brasil esquecido pelo tempo e pelo avanço social e tecnológico. Para além de instrumento rudimentar utilizado na agricultura, o arado, é representação de força e resistência de povos que, por ora escravizados, lutam para sobreviver e resistir, porém, representa também, esse passado colonial e de imutáveis marcas escravistas, que apesar de mudanças, como menor violência física, em sua essência continua o mesmo.

‘Fio de corte’, ‘Torto Arado’ e ‘Rio de Sangue’ são os capítulos que compõem o romance, que apesar de fictício, denuncia as práticas de uma realidade ainda vivida no Brasil, escrita por Itamar Vieira Júnior, Geógrafo e doutor em estudos étnicos e africanos pela Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Com a participação dos alunos, resultou na identificação do contexto social e da condição de vida destas pessoas. Camponeses, descendentes de escravizados, encontram a sobrevivência na condição de trabalho servil em uma fazenda pertencente à uma família latifundista, sob custódia de foro, trabalhar seis dias para a fazenda e um no roçado próprio, condição aceita por Zeca Chapéu Grande, expomos para os alunos o trecho do livro para reflexão dos alunos:

“A família Peixoto queria apenas os frutos de Água Negra, não viviam a terra, vinham da capital apenas para se apresentar como donos, para que não os esquecemos, mas, tão logo cumpriam sua missão, regressavam. Mas havia os fazendeiros e sitianteiros que cresceram em número e que exerciam com fascínio e orgulho seus papéis de dominadores, descendentes longínquos dos colonizadores; ou um subalterno que havia conquistado a sorte no garimpo e passava a exercer o poder sobre outros, que, sem alternativa, se submetiam ao seu domínio.” (Vieira Júnior, 2019, p.54).

Foi deduzido que um traço inerente dos donos da fazenda era a autoridade imposta de grande domínio, também, mesmo havendo esse “direito” de plantar um pequeno roçado para sobreviverem, eram tomados de assaltos pelos patrões:

“Mas as batatas do nosso quintal não são deles [...] eles plantam arroz e cana. Levam batatas, levam feijão e abóbora. Até as folhas do chá levam. E se as batatas colhidas estiverem pequenas fazem a gente cavoucar a terra para levar as maiores [...] que usura! Eles já ficam com o dinheiro da colheita do arroz e da cana. (Vieira Júnior, 2019, p.45).

Quando mencionada a ideia de Ancestralidade no debate com os alunos foi considerada uma marca forte e inerente do povo negro, que é bem explicitada em ‘Rio de Sangue’, quando a narradora deste capítulo que é uma encantada, que provinda do Jarê, uma religião de matriz africana, tida por candomblé de caboclo da Chapada Diamantina, é conhecedora de tudo e todos

da região, território este, que é marcado pela soberania da natureza sobre o chão, ora temporadas de seca, ora temporadas de cheias, analisamos os trechos que rezam:

"[...] apareceu uma misteriosa encantada, de quem nunca havíamos ouvido falar. Nada se sabia sobre ela entre os encantados que corriam de boca em boca, muito menos havia sido vista se manifestar nas casas de jarê da região. Dona Miúda, viúva que morava sozinha num descampado no final da estrada para o cemitério da Viração, e que sempre acompanhava as brincadeiras em nossa casa, foi quem recebeu o espírito. Quando ela se anunciou como Santa Rita Pescadeira, os tambores silenciaram e uma comoção tomou conta dos presentes. Era possível distinguir os questionamentos no meio da audiência, se a encantada de fato existia ou não, e por que até então não havia se manifestado, já que aquele jarê era tão antigo quanto a fazenda e os desbravadores daquela terra." (Vieira Júnior, 2019, p. 80).

E outro, que diz:

"[...] eram famílias que depositavam suas esperanças nos poderes de Zeca Chapéu Grande, curador de jarê, que vivia para restituir a saúde do corpo e do espírito aos que necessitavam [...]." (Vieira Junior, 2019, p. 33).

"Foi naquele período, nas festas de jarê que continuavam a acontecer, mais modestas, mas na esperança de se mobilizar o panteão de encantados para que trouxessem a chuva e a fertilidade à terra." (Vieira Junior, 2019, p.80).

A prática religiosa, é o alicerce para todo ser crente em algo, que busca em momentos de aflição um bálsamo ou solução, que alivie seu descontentamento e renove o viver, no caso do nordeste, a questão religiosa é inerente, sempre atravessando momentos difíceis com fé e esperança de dias melhores. Neste ponto da discussão, o alunado presente relatou de práticas conhecidas e cultuadas por familiares, citados a exemplo: novenas, simpatias e rezas.

A narrativa feminina em Torto Arado, mescla da voz e do silêncio de Bibiana e Belonísia uma posse e um protagonismo feminino-negra situado dentro de uma sociedade patriarcal, que nem mesmo o machismo e o racismo exacerbados reprimem suas lutas, pelo contrário, provocam e alimentam-nas de força para superar a sua realidade difícil. Nesse momento, pautou-se a questão de gênero, que provocando a participação e reflexão dos alunos, trouxemos o seguinte trecho:

Todas nós, mulheres do campo, éramos um tanto maltratadas pelo sol e pela seca. Pelo trabalho árduo, pelas necessidades que passávamos, pelas crianças que paríamos muito cedo, uma atrás da outra, que murchavam nossos peitos e alargavam nossas ancas. (Vieira Júnior, 2019, p.119).

A problematização dos espaços ocupados pelas mulheres foi gerada com ênfase, às representações das mulheres de Torto Arado que vivem distantes dos grandes centros, são mulheres que não têm acessibilidade à médicos, por morarem longe da cidade, sem possibilidade de fazerem acompanhamento básico de saúde, como acesso a métodos anticoncepcionais, informações e cuidados clínicos, sem uma educação formal, porque na fazenda não há uma escola, sem acesso a trabalhos assalariados; sem possibilidade de escolher outro

destino senão de casar e ter vários filhos, que continuarão o ciclo de trabalhadores braçais, que não são pagos e não podem construir se quer uma casa de alvenaria, ficando em seus sonhos, já que não teriam algo concreto para deixar para os filhos, o incômodo e a indignação dos fatos ditados eram espelhados nos rostos dos alunos com descontentamento, por dois motivos: primeiro, aquilo foi real, segundo, ainda é uma realidade em várias regiões do país.

A questão violência emerge no decorrer da aula, mas junto a ela, aflora o feminismo e determinismo da mulher do campo, que trazemos na citação e situação do texto. Ao sofrerem violências, não têm a quem recorrer, não há justiça no local, sua valentia é encontrada na ancestralidade feminina a força para superar existências difíceis.

É no estreitamento de laços com sua vizinha, Maria Cabocla, que Belonísia demonstra afeição e sororidade, e é a quem Maria Cabocla recorre para fugir do seu fim em cenas de violência física sofridas pelo marido. Corajosa e destemida exclamava:

“Não tinha medo de homem, era neta de Donana e filha de Salu que fizeram homens dobrarem a língua para se dirigirem a elas. (...) Esperava que viesse atrás de mim, valente, que quisesse levantar a mão para me bater. Ouvi gritar de casa que eu era burra. Que não falava. Que era aleijada da língua. Engoli cada insulto que ouvia de sua boca. Dava um golpe mais forte fazendo desprender da terra grandes torrões. Que se atrevesse a vir me agredir que faria o mesmo com sua carne: a faria soltar da face com um golpe apenas. Antes que qualquer homem resolvesse me bater, arrancaria as mãos ou cabeça, que não duvidassem de minha zanga.” (Vieira Júnior, 2019, p.121).

Refletindo na personagem tratamos a mulher camponesa que, por vezes, não se tem amparo do sistema de defesa da mulher, territórios “sem lei”, onde o domínio é o do mais forte daquela região, típico de regiões mais interioranas do país onde ainda prevalece o coronelismo, limitações e relações de poder autoritárias, movidas pelo poder econômico.

A personagem age em defesa de sua amiga, que cultivaram a amizade às margens do rio, lavando roupa ou por encontros nas estradas e roçados, pela autoridade familiar, filha de Zeca Chapéu Grande e referenciada pelas sua ancestrais, das quais, retira força e garra, comporta-se sendo resposta contrária ao movimento de normalização de um poder masculino e violento, que não submetida defende-se.

Dentro dessa construção problemática fomentada pelos alunos sobre a mulher do interior, encontramos Salustiana, que carrega status como: mãe das meninas, mulher do curandeiro e líder, parteira na figuração de morte e vida da comunidade, mulher-referência e comadre. Para além dela, há Crispina e Crispiniana, irmãs gêmeas que como as meninas representam uma ideia cíclica da vida das moças campesinas.

São mulheres que seguem uma sina em comum, contém direito a desavenças familiares ou de cunho comunitário, exemplificando que pouco altera-se da vida de uma para as outras,

de modo que nascem, trabalham, casam, criam os filhos, resistem ao existir, com repetições de padrões de pobreza e miserabilidade oferecidos, sob trabalhos análogos à escravidão.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de todo esse trajeto podemos concluir em meio a todo esse trabalho que o diálogo entre a música e a literatura, principalmente ao romance aqui apresentado “Torto Arado”, oferece uma rica oportunidade para os alunos em sala de aula, tanto para com a História como em outras disciplinas. Através desses meios interdisciplinares de expressão do conteúdo os alunos conseguem se projetar ainda mais, podendo ser ainda mais fácil aprofundar a compreensão dos contextos históricos e culturais, ao mesmo tempo que desenvolvem habilidades críticas de pensamento e interpretação.

A aplicação desta metodologia na sala de aula pode ser particularmente eficaz para ajudar os alunos a compreender a região Nordeste do Brasil. Através da análise de obras literárias como “Torto Arado”, que retrata vividamente a vida e as lutas no Nordeste, os alunos podem ganhar uma visão mais profunda e pessoal da história e da cultura desta região. Além disso, a música, sendo uma parte integral da cultura nordestina, pode oferecer aos alunos uma conexão emocional e sensorial com a região.

Ao explorar a música e a literatura em conjunto, os alunos podem começar a entender a complexidade e a riqueza da experiência nordestina de uma maneira que os livros didáticos tradicionais podem não ser capazes de transmitir. Portanto, este método pode ser uma ferramenta valiosa para trazer a história e a cultura do Nordeste à vida na sala de aula.

## REFERÊNCIAS

Albuquerque Jr, Durval Muniz de. A hora da estrela: a relação entre a história e a literatura, uma questão de gênero?. **ANPUH – XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA** – Londrina, 2005. Disponível em: [https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/201901/1548206371\\_63c8602c4eb438952e120ca520bd35bf.pdf](https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/201901/1548206371_63c8602c4eb438952e120ca520bd35bf.pdf). Acesso em: 01 ago. 2023.

Chartier, Roger. (1991). O mundo como representação. **Estudos Avançados**, 5(11), 173-191. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8601>. Acesso em: 10 ago. 2023.

Korte, Gustavo: A transdisciplinaridade e a metodologia. In: II Congresso Mundial de Transdisciplinaridade. Vitória/ Vila Velha – Brasil, Setembro de 2005.



Santos, R. M. (2014). O uso da música na prática de ensino de história. **Caderno De Graduação - Ciências Humanas E Sociais - UNIT - SERGIPE**, 2(2), 161–171. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/cadernohumanas/article/view/1687>. Acesso em: 08 ago. 2023.

Vieira júnior, Itamar. Torto Arado. 1ª Reimpressão. São Paulo: **Todavia**, 2019.